



ANTÔNIO CARLOS MIGUEL

buscar

G1

COLUNISTAS

VEJA TODOS OS POSTS

Sábado, 20/09/2014, às 15:00, por Antônio Carlos Miguel

Antes de os homens de preto ficarem com a sigla MIB



Calhou de ser uma semana de MIB. A música instrumental brasileira, que tem rodado o mundo ao lado do jazz, mas é meio ignorada por aqui. Boa semana, como provaram os CDs de David Feldman (“Piano”), Guinga (“Roendopinho”) e Pascoal Meirelles (“50”) e os shows de Egberto Gismonti e **Mauro Senise** – ambos naquele que é o mais aconchegante local para música no Rio, o Espaço Tom Jobim, em pleno Jardim Botânico.

Publicidade

Economizador de Energia do Safari
Clique para Iniciar o Plug-in do Flash



SOBRE A PÁGINA

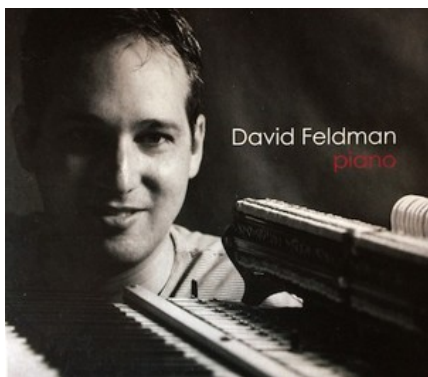
Jornalista especializado em música há 35 anos, autor do livro “Guia de MPB em CD”, ACM é membro votante do Grammy Latino e integra o conselho e o júri do Prêmio da Música Brasileira. Sem fronteiras, esse blog vai da MPB ao jazz, do samba ao rock, misturando crítica (e

Bem antes de a série nas telas “Men in black” ficar com a sigla, MIB foi uma tentativa, ali em fins dos anos 1970, de criar uma alternativa à então forte MPB. Músicos que sonhavam mais do que acompanhar a “canários” (como se referiam perjorativamente aos intérpretes vocais) e tinham como exemplos, na época, Hermeto Pascoal e **Egberto Gismonti**.



Estes, quase uma entidade daquele novo jazz brasileiro, agregando elementos sonoros além do samba-jazz e da bossa nova, abrindo espaço para ritmos nordestinos, a procura por referências indígenas, mouras e demais conexões possíveis. Seus respectivos grupos funcionaram como informais academias de música, formando dezenas de grandes instrumentistas. Talentos que viram o mercado para a música instrumental se estreitar cada vez mais desde então. Como se sabe, em seguida, o

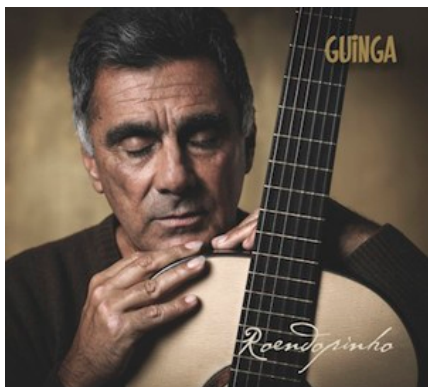
rock brasileiro se reinventou e surfou na mídia até o fim da década de 1980, quando novos e efêmeros ciclos hegemônicos se sucederam, estreitando cada vez mais o mercado: da primeira leva sertaneja ao axé, passando por pagode mauricinho, padres-pastores cantores, sertanejo universitário, funk...



Desde então, mesmo restritos a nichos, ignorados pela grande maioria da população, instrumentistas autorais não pararam de surgir. Veteranos ou novos lançam seus discos, tocam por aí. Como os três no lote desta semana que acaba e que já valeria pela versão “billevansniana” que **Feldman** imprimiu a “Sabiá”. É o tema que fecha e também já valeria por seu novo disco, “Piano”. A forma como Feldman parece se descolar da melodia jobianiana, soltando notas esparsas, para depois voltar ao tema, é epifânica – e me fez lembrar do

pianista perfeito para voar sem sair do chão, Bill Evans em sua viagem pelo tema de amor de “Spartacus”, por exemplo.

O jovem pianista carioca, com formação clássica, cursos de jazz e música contemporânea em Nova York e trabalhos ao lado de, entre outros, Leny Andrade, Paulo Moura, Leila Pinheiro, Roberto Menescal e Leo Gandelman, não fica apenas nas belas interpretações de clássicos (de “Primavera” de Carlos Lyra a “Tristeza de nós dois”, de Einhorn, Durval Ferreira e Bebeto). Ele é o autor de seis das dez músicas de “Piano” (veja mais detalhes no [site dele](#)), igualmente surpreendentes. “Chobim”, tema lírico com referências ao pianista e compositor polonês e ao compositor de “Sabiá”, é um dos originais que me fizeram voltar algumas vezes ao disco que segue me estimulando. Assim como outra balada, “Teté”, ou o sincopado e algo hard biop “Esqueceram de mim no aeroporto”. Para ouvir e ouvir e voar alto sem aparelhos voadores ou alucinógenos.



O mesmo vale para “Roendopinho” (Acoustic Music Records), o primeiro disco de violão solo de **Guinga** em 23 anos de carreira discográfica. São 15 temas instrumentais, entre conhecidos (“Igreja da Penha”, “Cheio de dedos”, “Di Maior”, “Sargento Escobar”) e novos, apresentados da forma como ele os compõe e toca em casa. “Apenas” o violão, sublime, de um artista que se considera mais compositor do que instrumentista, com charmosos vocalises em três temas – a valsa que abre o CD, “Pucciniana”, e em “Cambono” e “Lendas brasileiras” – e ainda um assovio no de

autocrítica), entrevistas, notícias, divagações e afins.

0 0 0

Publicidade

Economizador de Energia do Safari
Clique para Iniciar o Plug-in do Flash

OS MELHORES MOMENTOS
DOS DESFILES DO GRUPO
ESPECIAL DO RIO PARA
REVER E GUARDAR!

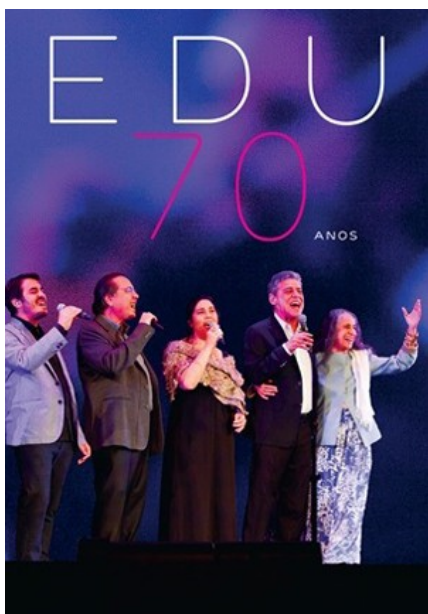


encerramento, outra homenagem, “Ellingtoniana”. Entre as muitas belezas, mais uma reverência, “Funeral de Billie Holiday”, lamento de atmosfera bluesy, com as digitais de um reinventor (e entortador) de valsa, choro, baião, blues, frevo, tango, seresta, toada...

Bissexatamente, ele foi meio que incorporado à geração dos anos 1960. Algo como o último moicano da MPB, o cara que estava fazendo canções como ninguém (ao lado de um bando de letristas, em lista encabeçada por Paulo César Pinheiro e Aldir Blanc, mais parceiros episódicos, eventuais, mais recentes como Nei Lopes, Mauro Aguiar, Sérgio Natureza, Simone Guimarães, Celso Viáfara, Edu Kneip, Thiago Amud...). Se a obra justifica entrar no time de Edu, Chico, Caetano, Milton, Gil, Ben... etariamente, Guinga é de geração intermediária. Enquanto aqueles nasceram nos anos 1940, o compositor e violonista e (tardiamente) cantor carioca, em junho de 1950. Em 1967, no início de seus 17, portanto, chegou a participar do II Festival Internacional da Canção, detalhe que reforçaria o elo com muitos de seus então concorrentes. Mas, ao contrário deles, com carreiras na música que não pararam de crescer, só em 1991 Guinga fez seu primeiro álbum, “Simples e absurdo”, no qual dividiu o crédito com o letrista Aldir Blanc. O primeiro de uma sequência que permitiria, já no século XXI, Carlos Althier de Souza Lemos Escobar largar o consultório de dentista e as bocas escancaradas para se dedicar integralmente à música. E, neste 2014, entre 7 e 9 de abril, gravar num estúdio na Alemanha (cidade que eu nunca lera antes o nome, Osnabrück) “Roendopinho”.

Antes de completar a limpa discográfica, a sequência com um CD de piano solo e outro de violão solo me leva à noite da última quinta (18). Figura cada vez mais rara nos palcos do Rio, Gismonti lotou os cerca de 500 lugares do Tom Jobim com o concerto “Violões e piano”. Nos primeiros 45 minutos, alternou dois violões de 10 cordas, esbanjando a fabulosa técnica, em temas que exploram escalas que vão do Nordeste brasileiro ao flamenco e a vários Orientes. Quando parecia começar a esgotar as possibilidades, e sem falar uma sílaba sequer, ele se mudou para o piano de cauda para um segundo tempo igualmente arrebatador, quase sempre frenético, cheio de notas, puro EgGis, em sua melhor forma.

Na noite anterior, no mesmo teatro entranhado no Jardim Botânico, Mauro Senise reuniu 24 instrumentistas para reproduzir ao vivo o disco “Danças”. Concerto que, por motivos de agenda e custo, dificilmente se repetirá. Através de quase duas horas (tempo alongado pelas inevitáveis apresentações de Senise a cada nova troca no elenco), alternaram-se no piano Antonio Adolfo, Cristóvão Bastos, Gilson Peranzetta, Gabriel Geszti (os dois últimos também no acordeom) e Jota Moraes (este, principalmente no vibrafone), mais o guitarrista Leonardo Amuedo, o baterista Ricardo Cota, o percussionista Mingo Araújo, os baixistas Rodrigo Villa e Zeca Assumpção e um naipe de cordas (a Orquestra do Sonhos) arregimentado pelo violoncelista Hugo Pilger. Repertório predominantemente inédito dos músicos que participaram do CD – como a viajante “Harmonia das esferas”, de Geszti – e pontuais recriações, como o fabuloso e bluesy & jazzy arranjo de Cristóvão para “Noite de verão” (Edu Lobo e Chico Buarque).



A mesma “Noite de verão”, mas dessa vez cantada pelo compositor, é um dos motivos que me faz passar para “Edu 70 anos” (Biscoito Fino). Lançado em CD e DVD, registra a noite de 29 de agosto de 2013 no Teatro Municipal na qual **Edu Lobo** comemorou a data redonda em concerto com participações do filho Bernardo, do parceiro Chico Buarque e das cantoras Maria Bethânia (com quem dividiu um disco em 1967) e Mônica Salmaso (a “sua” intérprete nos últimos anos).

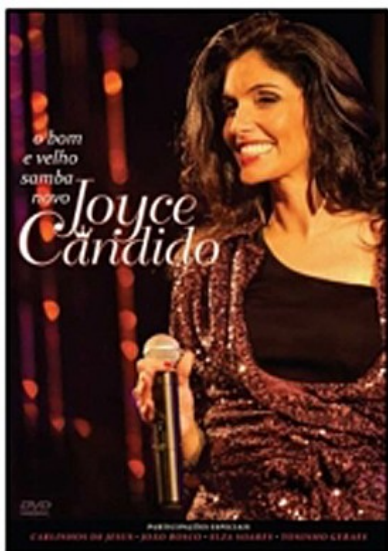
É desses casos nos quais, se for para escolher um formato, é melhor ficar com o DVD. Este, com 26 músicas, mais uma nos créditos (a instrumental “Pé de vento”), enquanto o CD traz 19, perdendo, entre outras, “Canção do amanhecer”, “Zambi”, “Zanzibar”, “Angu do carço” e “Canto triste”, além das homenagens a

Jobim (“Bôto”) e Villa-Lobos (“O trenzinho do caipira”, que ele ajudou a juntar, a partir do poema que Ferreira Gullar fez inspirado no trecho de Bachianas Brasileiras nº 2). Respeitado na íntegra pelo DVD (produção da Samba Filmes), o show com direção e roteiro de Hugo Sukman oferece um perfil bastante completo de Edu como compositor. Também cobre quase todos os seus muitos letristas, incluindo o próprio (e ótimo) em “No Cordão da Saideira”, numa sequência mais ou menos cronológica.



Na primeira parte estão Vianinha, Vinicius, Guarnieiri, Capinam, Torquato, PC Pinheiro, Cacaso e Blanc, enquanto na segunda parte predomina o trabalho com Chico, com apenas uma de Pinheiro (com quem Edu voltou a compor na última década). Para ficar completo, valia também incluir canções com Ruy Guerra e Ronaldo Bastos, dois dos parceiros nas duas primeiras décadas de carreira, mas o DVD “Edu 70 anos” cumpre seu papel. Antes de passar a bola, outro detalhe: contra-capa e embalagem listam um “making-of” nos extras, mas que não apareceu no menu – tentei tanto no reproduzidor

de Blu-Ray e DVD da TV quanto no drive leitor do Mac.



Outro recém chegado aos 70 anos, **Pascoal Meirelles** é baterista e também compositor, e comemora cinco décadas de carreira com a compilação “50” (independente). O CD reúne 12 composições e arranjos que ele gravou entre 1981 e 2013 em oito de seus discos. MIB da boa, ao lado de gente como Jota Moraes, Mauro Senise, Nivaldo Ornellas, Paulo Moura, Márcio Montarroyos, Jessé Sadoc, Leo Gandelman, Bigorna, Victor Biglione...

Também conferi “O bom e velho samba novo”, DVD da cantora e pianista **Joyce Cândido**, paulista que passou período estudando e fazendo música, dança e teatro nos EUA. Afinada, bem acompanhada (produção do cavaquinista Alceu Maia), com participações de, entre outros, Elza Soraes e João Bosco, apadrinhada por Chico Buarque (que a levou à

Biscoito Fino, onde lançou há um ano o CD “Bom e velho samba novo”), mas sem acrescentar algo pessoal ou novo ao bom e velho samba.

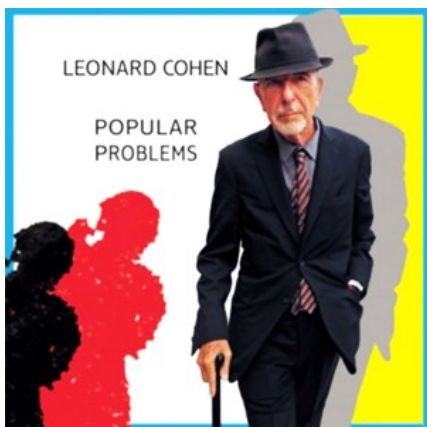
Em vertente MPopB, “Vagalume” (**independente**), do compositor, cantor e violonista Matheus von Kruger, tem seus momentos, a produção eficiente de Alê Siqueira, mas também é mais um em meio a muitos – e o timbre vocal frágil de **mvk** (como o próprio assina na bela capa) joga contra.



Por fim, “The son of past and future” (independente) tem um quê de rock progressivo, do trio Selfdecay. Brasileiros que compõem e cantam em inglês e poderão interessar a aficionados do gênero.

Na semana cheia, ainda conferi dois títulos por streaming. **Leonard Cohen** completa 80 anos fiel ao seu arrastado estilo em “Popular problems”. Ele até começa bem com “Slow” e sua levada bluesy reforçada por um órgão insinuante, mas as oito faixas seguintes são mais do mesmo, composições que servem de base para a poesia do canadense. Por que não

fazer livros? Quem se interessar, ainda pode ouvir o novo do velho (e bem conservado) Cohen no [site da NPR](#).



Já Alice Caymmi tenta manter a boa recepção à sua estreia solo em 2012 com “Rainha dos Raios” (Joa Moderna, mas que ouvi pelo Soundcloud). Ela tem o timbre grave dos Caymmi, filha que é de Danilo, neta de Dorival, alguma atitude e sonoridade com flertes eletrônicos (nas mãos do produtor carioca Diogo Strausz) que a destacam em meio a centenas de cantoras jovens brasileiras. Mas o disco não se sustenta em parte pelo repertório algo óbvio, algo piadas gastas: de “Homem” (Caetano) a “Meu mundo caiu” (Maysa), passando por tema de série adolescente mexicana (“Soy rebelde”), funk de MC Marcinho (“Princesa”) e mais

Caetano (“Iansã”, parceria com Gil da qual Alice tirou o título do novo CD, e “Jasper”, com letra em inglês dos então Ambitious Lover Arto Lindsay e Peter Scherer).

Antes de encerrar, uma sugestão para botar na agenda de quem faz e trabalha com música: o seminário Rio Music Buzz, que vai acontecer entre 24 e 26 de setembro no Centro Cultural Light. O encontro reunirá profissionais da indústria da música de várias partes do mundo e terá como tema “Sincronização e Execução Pública”. As inscrições para as palestras custam R\$ 45 e podem ser feitas no [site do seminário](#).

*Créditos: fotos de Mauro Senise e Egberto Gismonti são de Antonio Carlos Miguel; fotos de CDs e DVDs são reprodução.

fotos de Mauro Senise (com Jota Moraes à direita) e Egberto Gismonti: Antonio Carlos Miguel

0 0 0

1

1
comentário

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os [termos de uso](#), denuncie. Leia as [perguntas mais frequentes](#) para saber o que é impróprio ou ilegal.

Este conteúdo não recebe mais comentários.

[CONFIRMAR DENUNCIA](#)

Dário Leao
há 10 meses

Mais uma vez, muito obrigado.

[Facebook](#) [Twitter](#)
COMPARTILHAR

[Denunciar](#)
[Imagem do usuário](#)

[VEJA TODOS OS POSTS](#)

[g1](#) | [globoesporte](#) | [gshow](#) | [famosos & etc](#) | [vídeos](#)

[todos os sites](#)

© Copyright 2000-2014 Globo Comunicação e Participações S.A.

[princípios editoriais](#) | [política de privacidade](#) | [central globo.com](#) | [assine a globo.com](#) | [anuncie conosco](#)